

## PEGAMOS UM ATALHO

Por Juliana Pautilla

Artista é estranho, chega com um monte de tralha e se junta com um monte de gente que não conhece pra fazer uma coisa que ninguém entende. Rimos. Foi assim o bom dia da Júlia Feldens quando partimos da Casa Líquida para a Casa Embura.

Somos uma falha no sistema. Um meteorito que sai da rota.

O disparador dessa imersão foi a palavra atalho. Criamos um sentido poético para esta circunstância, um campo de dobra. Atalhos como caminhos não oficiais, trajetos inesperados onde o olhar guia o corpo para adentrar, encontrar brechas, escapar. Criar um atalho no que convencionamos chamar de espaço-tempo. Composição de estratégias, desvios. A discussão veio a partir da Jéssica Lauriano, propondo criar nessa edição, um documentário de processo com uma estética que remetesse a imagens espaciais, a partir de texturas e cores de fotos e vídeos que se tem acesso a partir da NASA. Inclusive a direção de arte de divulgação do Pororoca partiu dessa referência.

Foi então entre os dias 03 e 09 de fevereiro, que nós do Programa Pororoca (Eu, Jéssica), conduzimos uma ação imersiva, em parceria com a Casa Líquida (Julia Feldens e Vicente Otávio de Colaborador). Julia assumiu a curadoria deste encontro, indicando dois artistas sonoros - Edbrass Brasil e Melifona - para um convívio criativo. Eles já se conheciam, por isso foi sugestão da Julia aprofundar este encontro, confirmando a relação de confiança estabelecida. Escolhemos a Casa Embura Estúdio, residência e espaço de ateliê do músico Allen Alencar, por ser fora da cidade e porque ele e Vicente são amigos. É assim que a gente consegue realizar, com redes de apoio.

Muita troca e colaboração pra fazer uma nave decolar.

Segunda de manhã chuvosa, tendo que trocar os pneus do carro antes de sair, juntamos nossas tralhas e chegamos em Parelheiros, extremo sul de SP, depois de errar a rota. Atalho estranho esse. Gastamos duas horas a mais no trajeto, tempo suficiente pra gente compartilhar uma extensa playlist e começar a entender que sim, tínhamos muitas afinidades. Melifona fazendo os gestos sonoros das camadas harmônicas da música, com os olhos brilhando e dizendo, “escuta isso!!” e Edbrass na sua contemplação costumeira, um silêncio que paira e de repente começa a contar uma boa história do mundo musical. Eu estava amassada entre os dois, no banco de trás, porque as tais tralhas dos artistas ocupam espaço. Mochila, instrumentos, travesseiro, computador e corpos enfiados entre.

Chegamos mais tarde do que o esperado e resolvemos então almoçar no Bar do Juju. Enquanto comíamos um delicioso PF, a conversa girou em torno da chuva da noite anterior, alagando parte da rua onde tínhamos acabado de passar. Allen contou um pouco da história do lugar e de como havia se mudado pro sítio, sobre as cachoeiras e mirantes, os territórios indígenas, os vizinhos próximos e o comércio local. Gosto de escutar histórias.

O que somos além de histórias e encontros? me perguntei.

Ainda na mesa do bar, abri o buscador para pesquisar onde estávamos, queria ver no mapa, porque não fazia muito ideia do trajeto pra chegar até ali. Fui direcionada (atalho) para o site da prefeitura de SP. Parelheiros é um dos maiores distritos de SP e grande parte da sua área é coberta pela mata atlântica. Mas o que me chamou a atenção, e isso fazia sentido com o que estavam pensando em termos estéticos, foi a cratera da colônia:

“A cratera está localizada na região de Parelheiros, no extremo sul da cidade de São Paulo, e foi criada pelo impacto de um meteorito de estimados 200 metros de diâmetro em uma data estimada entre há 36 milhões e 5 milhões de anos, formando uma cratera de 3,6 km de diâmetro, com cerca de 300 metros de profundidade e uma borda soerguida de 120 metros”.

Óbvio que passamos o primeiro dia falando disso e que a partir dali as criações - sonoras e visuais - estavam convocadas a seguir também esse rumo.

Depois do almoço fomos ao supermercado local para fazer as compras da semana e conseguimos achar o macarrão sem glúten para Melifona. A chuva continuava, atolamos nossos tênis limpinhos de sola branca na lama. Conversamos sobre som e imagem, sobre como seria a criação naquela semana. Não fizemos um cronograma, esparramamos as ideias.

Estamos fazendo uma cratera no tempo, pensei.

Nas residências que vimos promovendo, o sentido de ruptura se repete. Criação de uma linha de fuga, como propõem Deleuze e Guattari. Um desejo que sempre se rearranja, permitindo adaptações e mudanças. A criação de um novo, não do novo em si, mas de uma diferença que contém também o risco de se autodestruir. É sempre uma aposta.

O processo durante a semana correu impressionantemente bem. Havia silêncios importantes, momentos de partilha, cozinhar juntos, nadar juntos, falar da vida juntos. Cada pessoa fluindo nos seus afazeres pessoais, entrecortado por esses momentos de troca mais coletiva e criativa. Tudo se compunha e fazia parte da criação: fazer de novo uma residência, a pausa em um certo ritmo da vida, as preocupações que aos poucos vão se esvaindo, as angústias, as alegrias, o som dos grilos a noite, as estrelas, a vespa que carrega a aranha, os computadores, as câmeras e as luzes das baterias carregando, o som do flugelhorn, o texto que eu lia, o gambá fazendo festa no telhado, as gatas, a limpeza da piscina, a tempestade, os relâmpagos, a internet que caiu e o abraço.

Vamos ver as imagens e ouvir a música juntos? Vamos.

O meteorito, a imaginação cósmica, o ovo criacionista de mundo, o contato com a natureza. Tudo isso foi dando o tom para a sonoridade que os artistas foram produzindo, acolhendo também as sonoridades do ambiente: chuva, trovão, o miado da gata Mercedes, vozes. A narrativa sonora a partir da visualidade, que é própria da proposta do Edbrass foi sendo construída também com as imagens que Vicente e Jéssica produziam junto às materialidades propostas pela composição de Melifona.

Na conversa final sobre o processo criativo, no último dia, partimos para uma discussão sobre composição das imagens e do material sonoro já criado. Ao invés de pensar em uma trilha para ser adaptada à narrativa fílmica, optamos por outro caminho. Que o roteiro principal para a criação audiovisual pudesse ser o som, conferindo uma abstração maior à narrativa fílmica. Experimentando o quanto as relações expressivas do som e da imagem podem se compor. Andamentos, texturas, acelerações e ralentandos, distorções, apresentações e dissoluções de ideias.

O material sonoro final ficou com 12 minutos de duração. A partir daí haverá a colaboração de um artista da edição, o cineasta Ernest. Será uma nova etapa do processo, que ainda não tive acesso, e que sem dúvida merecerá outro texto.

Sobre o encontro como um todo, Edbrass poetizou: “Caminhamos criativamente por uma ética da escuta, o que envolve uma capacidade de jogar com os contrastes e diferenças, priorizando a espontaneidade e o espanto desses encontros”.

São Paulo, 12 de fevereiro de 2025

### **Artistas que pegaram esse atalho:**

**Allen Alencar** :: Sergipano das cordas: violão, guitarra e baixo. Pesquisador acadêmico. Criador da Casa Embura.

**Edbrass Brasil** :: Artista sonoro e improvisador brasileiro, atua em diversas áreas criativas além da música, como dança, artes visuais e experimentais.

**Ernest** :: Performer, cineasta e editor.

**Jéssica Lauriano** :: Artista multimídia, utiliza a caminhada em áreas urbanas e rurais como elemento de comunicação mais amplo em sua pesquisa. Criadora do Programa Pororoca.

**Julia Feldens** :: Artista e pesquisadora, criadora da ação-performance Casa Líquida.

**Juliana Pautilla** :: Artista, psicanalista e pesquisadora autônoma. Criadora do Programa Pororoca.

**Melifona** :: Cantor, compositor, arranjador e multi-instrumentista de São Paulo, influenciado pelo Jazz, MPB, Samba, Rhythm and Blues e Neo Soul.

**Vicente Otávio** :: Artista multimídia, utiliza da fotografia e do audiovisual para pensar e criar imagens, com pesquisa em processos analógicos. Colabora na equipe de gestão da Casa Líquida.